

A campanha de quase mil dias

FHC e Garotinho aproveitam crise do governo para antecipar movimentos rumo à eleição de 2006

RUDOLFO LAGO E
DENISE ROTHENBURG

DA EQUIPE DO CORREIO

O ensaio aconteceu há duas semanas, quando o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso reuniu para um jantar na sua casa, em São Paulo, os principais líderes do PSDB e do PFL. Em determinado momento da conversa, Fernando Henrique disse que queria muito ter a presença do ex-presidente dos Estados Unidos Bill Clinton na inauguração do instituto de estudos políticos que está criando. “É uma pena que, nos Estados Unidos, os ex-presidentes se recolham da vida política. Clinton ainda teria tanta contribuição a dar”, comentou Fernando Henrique. Os interlocutores entenderam a mensagem. Pela tradição política norte-americana, o democrata Clinton se recolhe. Mas esse não precisa ser o caso de Fernando Henrique.

O primeiro ato, governo e oposição concordam, foi publicado domingo no **Correio** e em outros jornais do país. O artigo de Fernando Henrique, perceberam todos, tem cheiro de plataforma de candidato à Presidência da República. “Os artigos anteriores do ex-presidente tinham sido invariavelmente sobre política externa. Agora, ele entra no dia-a-dia da política nacional com um discurso de líder de oposição, candidato a presidente da República”, avalia o cientista político Walder de Góes, diretor do Instituto Brasileiro de Estudos Políticos (Ibep).

No artigo, Fernando Henrique faz duras críticas ao governo Lula (*leia trechos abaixo*). Fala em “inoperância gerencial”, em “recuos” na regulação da economia e menciona o risco da “oportunidade perdida”.

Para Walder, o ex-presidente, com seu artigo, exerceu um princípio básico da política: “Poder não tolera vácuo. O governo cedeu espaço, e a oposição cresceu. O poder amoleceu o seu núcleo, com os problemas fiscais que o país enfrenta, agravado pela crise Waldomiro”, afirma Góes.

Garotinho

Fernando Henrique não foi o único a identificar o vácuo provocado pelas crises que o governo enfrenta. Na convenção do PMDB, há três semanas, parte da militância peemedebista lançou a candidatura do secretário de Segurança do Rio, Anthony Garotinho, à Presidência da República. Que, a partir de então, esmera-se em atormentar o governo (*leia na página 3*). Com a entrada em cena de

Fernando Henrique e Garotinho, em meio ao desgaste do governo, ensaia-se uma extensíssima campanha eleitoral. Faltam mais de dois anos para as eleições presidenciais.

Os efeitos da crise vivida pelo governo

provocaram uma alteração nos planos da oposição. No ano passado, no auge da popularidade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o próprio líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio (AM), chegou a avaliar, em conversa com o **Correio**, que

Lula era imbatível no seu caminho para a reeleição. Naquela altura, a oposição via-se sem discurso, trabalhando para, pelo menos, manter-se unida. O cenário mudou. E, com ele, também mudaram as estratégias políticas dos atores.

Nesse quadro o governador de Minas Gerais, Aécio Neves, animou-se a citar Fernando Henrique e mais três nomes como “excelentes” para disputar a sucessão presidencial — José Serra, Geraldo Alckmin e Tasso Jereissati.

O líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio, nega que a intenção de Fernando Henrique seja eleitoral. “São as opiniões de alguém que teve simplesmente a experiência de ser o presidente brasileiro que mais tempo governou na democracia. Ele tem autoridade e direito, portanto, de avaliar o atual governo”, afirma Virgílio.

Para o vice-presidente do Senado, Paulo Paim (PT-RS), a intenção eleitoral é clara. “Quando o governo se mostra fraco, é natural que outros agentes tentem ocupar o cenário”, diz Paim. “O governo precisa reagir. Precisa apresentar algum resultado concreto, especialmente nos campos do emprego e do salário. São esses os temas que mais preocupam hoje o cidadão. Ou alguma coisa é feita ou o governo não conseguirá evitar a antecipação do debate eleitoral”, analisa Paim.

No PMDB, os movimentos de Garotinho, associados à crise do governo e às disputas regionais com o PT, dificultam a estratégia do líder no Senado, Renan Calheiros (AL), para manter o partido fiel à base de sustentação do governo. Seguidamente, Renan precisa repetir em reuniões de bancada que apoiar o governo é agora a melhor estratégia para o partido. “Não é tarefa fácil. A impressão que temos é de que o governo nunca nos convidará para a sala de estar da festa. Que vamos ficar comendo os salgadinhos na cozinha o tempo todo”, comenta um senador peemedebista.

O diretor do Instituto Vox Populi, Marcos Coimbra, acha que é cedo para falar em sucessão presidencial de 2006. Ele trata todos os movimentos da oposição — seja de Fernando Henrique, seja de Anthony Garotinho — como frutos “naturais” da crise que o governo está terminando de atravessar. “Toda vez que um governo apresenta problemas, as oposições se asanham. Há alguns anos, houve o *Fora FHC*. Faz parte do jogo”, diz Coimbra.

Acostumado a pesquisar o humor do eleitorado, o analista afirma que a população não deseja um *Fora Lula*. E, com o conhecimento de quem já está tentando medir como pensam aqueles que irão votar para prefeito em outubro,

Coimbra lembra que o eleitor não costuma decidir seu voto com base no que acontece em Brasília. “As eleições municipais não têm um caráter plebiscitário. As pessoas querem saber exclusivamente como está a sua cidade”, diz ele.

TRECHOS // A OFENSIVA DE FERNANDO HENRIQUE

“(…)Vejo nas manchetes dos jornais afirmações do presidente Lula que me preocupam. Numa diz que o País está altamente vulnerável. Noutra afirma que não tem os poderes de Deus (será que alguém imaginou tal blasfêmia?)”

“Também no plano político o desencontro declaratório é grande. Em tom de desabafo, o presidente diz que não se conforma que as pessoas estejam mais para o pessimismo do que para o

otimismo, apesar das tantas coisas boas feitas pelo governo.”

“Ao não se compreender a natureza das modificações ocorridas (no mundo) e as novas oportunidades que, apesar de tudo, se abrem para os países, as percepções do dia-a-dia ficam confusas. E mais confusas ainda quando, pela falta de um projeto consistente com a realidade, os líderes políticos ziguezagueiam entre a paralisação administrativa e as tentações

voluntaristas de volta a um passado impossível de ser retomado”.

“O erro do governo é de base. Começou com a repetição demagógica de ter recebido uma herança maldita, em vez de reconhecer com palavras o que reconheceu na prática desde a assinatura do acordo com o FMI em 2002: as dificuldades daquele ano derivaram da percepção pelas pessoas e pelos mercados de que haveria uma ruptura. Não houve

ruptura, mas continuidade. Ao menos no plano financeiro e macroeconômico”.

“Infelizmente (...) a falta de um projeto de longo prazo, capaz de acentuar as mudanças que já estavam em curso nas políticas sociais e na máquina estatal, modificando-as, melhorando-as ou substituindo-os por outras inovadoras quando fosse o caso, põem em risco a oportunidade de uma retomada futura de crescimento”.